



SÔ É PROIBIDO PISAR NA GRAMA

Marlene Carvalho
 Profa. de Pedagogia, da EsEFE

A EsEFE promoveu em janeiro deste ano a sua quadragésima Colônia de Férias, atendendo a 1.200 crianças de seis a 12 anos e cerca de quatrocentas mães, além dos visitantes.

A organização da Colônia, do ponto de vista pedagógico e administrativo, começou em agosto e no mês de janeiro envolveu praticamente todo o staff da EsEFE.

Para as crianças e suas famílias, a Colônia é uma das raras opções de lazer, na época de férias, acessíveis à classe média. Pelo pagamento de uma taxa de inscrição de cinquenta cruzeiros e recebendo ainda uniformes e bolsas grátis, pode-se nadar, correr, pintar, passear de lancha, fazer ginástica, excursionar, ter iniciação desportiva, fluorizar os dentes e ir à praia durante quatro semanas.

Praticamente a única coisa proibida é pisar na grama.

Esta reportagem mostra o dia a dia da Colônia de Férias do ponto de vista das mães e das crianças.

Preparar para a colônia

O dia amanhece muito claro e quente. O despertador toca às cinco e meia da manhã num apartamento de dois quartos em Botafogo: D. Helena levanta-se e começa os preparativos para levar os filhos à colônia.

Helena Rodrigues, 34 anos, dona de casa, três filhos, casada com um bancário que há vários anos não tira férias:

— “Lá em casa desde novembro só se fala na Colônia. Entram em férias e no apartamento eles não podem brincar; é

só televisão e isso eles já fazem o ano inteiro.

É a segunda vez que trago as crianças e vou continuar até que eles estejam fora da idade”.

D. Helena faz o café, deixa a mesa posta para o marido que sai mais tarde e adianta o almoço. As crianças acordam às seis e 15:

— “Mãe cadê o meu gorro?”

Numa bolsa imensa, D. Helena bota mate gelado, laranjas descascadas, sanduíches de queijo, uma caixinha de isopor com gelo, biscoitos, brinquedos para o caçula de 4 anos, toalhas, óleo de bronzear.

Depois de uma certa afobação geral, finalmente às sete e 15 estão no ponto de ônibus, na praia de Botafogo e às sete e 45 entram na Fortaleza de São João.

Os portões do Forte abrem às 7 horas para o público da Colônia e às sete e 45 já passaram por ali mais de mil crianças e seus acompanhantes.

O desfile

De short, calção, biquínis, saídas de praia ou uniformes da Escola, os adultos sentam na escadaria ou ficam de pé ao longe da alameda em que as crianças vão desfilar.

Às sete e 45, na pista de atletismo, trinta turmas estão formadas. Este ano o uniforme é calção ou saioite vermelho, blusa de malha branca, tênis azuis e gorros de diferentes cores, que distinguem as turmas.

Os professores recebem as carteirinhas de identificação das crianças e esperam o começo do desfile.

No alto da escadaria do Ginásio Leite de Castro, o Animador, uma das figuras mais populares da Colônia, fala ao microfone. É baixo, forte, o rosto redondo muito bem humorado; se não fosse militar, seria um excelente animador de auditórios. Consegue fazer a multidão cantar, rir e bater palmas quando quer, dá avisos gerais, informações sobre achados e perdidos, comunica os aniversários e pacientemente repete o pedido:

— "Por favor, não pisem na grama. A grama leva muito tempo para crescer mas pode ser destruída em um dia. Evitem pisar na grama".

— "D. Maria dos Remédios avisa a seu filho Fernando que às nove e meia vai encontrá-lo em frente à estátua do leão".

Às sete e 50 chegaram à escadaria o Comandante da Escola e o Diretor da Colônia, ambos de short, camisa de malha do uniforme, tênis e meias.

O Comandante é alto, grisalho e atlético; o olhar que não deixa escapar nada parece estar em dez lugares ao mesmo tempo. Quando levanta o polegar direito, o Animador começa o desfile.

— "Colônia, bom dia!

Se não há banda, o ritmo é marcado por três soldados:

— Zum, zum, zum

Passou um avião.

E nele estava escrito

Turma 15 é campeã!

O Comandante bate palmas, marcando o ritmo da marcha. Deixa a pista para ver as crianças de perto, cumprimenta as mães.

O Diretor da Colônia não bate palmas; mãos na cintura, o cabelo liso um pouco caído na testa, dá uma olhada geral no quadro, às vezes sorrindo, às vezes franzindo as sobrancelhas.

As crianças marcham cantando. Há turmas trazendo bandeiras com as cores do gorro, faixas, cartazes de agradecimento, bandeirinhas do Brasil, balizas fazendo piruetas. A mascote de uma das turmas é a irmãzinha de alguém, dois anos de idade, de biquíni e uma faixa atravessada no peito: "Rainha da Colônia".

Mãe que é mãe assiste ao desfile até o fim, batendo palmas e dando adeusinho. As novidades são comentadas nos grupi-

nhos que ficam por ali até às oito e 20.

"A turma sete hoje estava linda"

"Não sei como os professores têm paciência"

"Meu garoto hoje vai à excursão no Jardim Zoológico"

"Seu menino já fez o flúor?"

"Sabe que a Dalva foi eleita mãe representante?"

Ginástica Feminina

D. Vera de Freitas espera a última turma desfilar e vai com as amigas para a aula de Ginástica das oito e 30.

D. Vera mora no Leblon e veio dirigindo a Variant, com quatro crianças. É professora de ginásio, casada com economista. Mora num apartamento de três quartos no Leblon e freqüenta a colônia há três anos.

A turma de ginástica de D. Vera, uma das quatro organizadas por faixas etárias, reúne as senhoras de mais de 35 anos. Malhas pretas, pés descalços, crachás de identificação, são quase cem alunas na turma.

O professor alto, flexível, por volta dos 40 anos, não tem um pingão de barriga, ao contrário da maioria de suas alunas. A animação é grande, embora poucas cheguem ao fim das oito repetições na hora dos exercícios abdominais.

— "Lh, professor, não agüento mais"

— "Professor, quer me matar?"

A pianista vai desfilando foxes nostálgicos, marchas, valsinhas e às vezes até um mambo.

As nove e meia a aula está terminada e as alunas batem palmas para o professor, a guia e a pianista. O professor dá um grande sorriso e imita uma reverência gaíata.

O lanche

Às nove e meia toca a sirena para o lanche. O Animador avisa:

— "Levem os filhos para a sombra e deem bastante líquido".

"Não pisem na grama. Crianças, peçam a seus pais para não pisarem na grama".

As grandes bolsas de plástico se abrem e a criança come e bebe. Centenas de garrafas de refrigerante são consumidas, dois mil e quinhentos sanduíches desaparecem, mas, surpreendentemente, há pouco lixo espalhado.

Das nove e meia às 10 as mães encham copos, penteiam cabelos, perguntam, ralham, afaçam, recomendam e principalmente oferecem:

— "Mais um biscoitinho só".

— "Mais um sanduíche".

— "Se não comer, amanhã não vem".

Às 10 horas toca a sirena e voltam as crianças para a pista.

Supervisão

O Supervisor ouve a senhora que lhe diz pela quinta vez que seu filho perdeu o gorro. O tenente mostra que já anotou o pedido e que o menino receberá o gorro ainda hoje, mas a mãe continua aflita:

— "Será que amanhã ele pode entrar? Se não puder vai chorar a manhã inteira".

O tenente dá um sorriso diplomático e corre atrás do professor da turma 17, que vai em excursão ao Forte Velho.

Há um supervisor para cada 5 turmas e dois professores para cada turma.

Às sete e 15 da manhã os supervisores reúnem-se com o Coordenador Geral para receber orientação e avaliar brevemente o trabalho da véspera. Às sete e 30 os supervisores encontram-se com os professores e retransmitem os avisos e sugestões. Às sete e 45 todos os professores estão na pista para receber as turmas.

Os professores

Das 10 às 11 horas o tempo passa voando. Há turma na ginástica, outra na piscina, na praia, no ginásio Ling fazendo artes plásticas, no dentista; algumas foram para excursões externas, de ônibus, e só voltarão às 11 e meia.

Os professores que cuidam de tudo isto são em parte militares, formado pela EsEFE, em parte civis, rapazes e moças vindos das Universidades. É gente que gosta de crianças, que carrega no colo os meninos chorões, amarra cordões de sapatos, ajuda a procurar as bolsas perdidas. As mães são gratas pelos pequenos gestos mas às vezes não sabem que alguns dos militares, além de instrutores, são também atletas destacados.

Jorginho, de sete anos, pode estar recebendo a primeira aula de natação de um recordista brasileiro, ou fazendo ginástica com um campeão de basquetebol.

Fim da festa

Às 11 horas toca a sirena. O Animador está novamente a postos.

Os professores devolvem as carteirinhas das crianças e são puxados pela manga, beijados e abraçados.

— "Tio! Tial minha mãe está ali, tial Posso sair, tio?"

No estacionamento os carros começam a movimentar-se.

D. Luci dos Santos, 28 anos, comerciante em férias, arrebanha os filhos e vai para a fila do ônibus Lins-Urca. Leva uma hora de viagem até a casa.

As crianças querem falar de tudo ao mesmo tempo:

— "Mãe, você quer fazer uma bandeira para a minha turma? Eu quero uma bandeira, mãe!

— "Mãe, eu hoje aprendi a plantar bananeira".

— "Mãe eu fui ao Parque Lage e o tio comprou uma Coca pra mim".

— "Mãe, quando é que eu vou passear de lancha?"

No prédio da Escola de Educação Física entram o Comandante e o Diretor da Colônia. Há providências a tomar para o dia seguinte: a Banda dos Paraquedistas virá novamente; um professor adoeceu e é preciso substituí-lo; vão reunir os professores para uma avaliação.

É preciso também que não chova, porque amanhã a festa começa outra vez.